

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

O 1.º DE DEZEMBRO

E' uma data gloriosa para nós os portuguezes, ninguém o nega. Uma data cheia de entusiasmo, d'este entusiasmo varonil e patriótico, que só nasce e se accente n'um coração activo, n'um coração cheio de vitalidade, são, sem chlorose e sem tuberculose, órgão d'um organismo possante, de sangue puro, sangue forte, sem soro e materias liquifacientes.

Mas, exactamente por isto, é que o 1.º de dezembro não tem hoje rasão de ser, nem patriótica, nem suggestiva.

Não tem a feição patriótica, porque o ideal que representou, a revolta contra o dominio hespanhol, passou, desapareceu, á face dos ideaes da moderna sociologia.

Não tem o fundo sympathico e sympathisante d'uma nota suggestiva, nota marcial que avivasse heroismos e desenhadeasse feitos brilhantes de empresas nacionalistas, porque, hoje, Portugal não pode, nem deve ferir, melindrar ninguém. E' um morgado devasso e perdulario, que não tem remédio, para viver ainda mais algum tempo, sendo dar-se bem com todos, especialmente com os visinhos, com os consortes das suas leiras e das suas herdades.

E a Hespanha é a nossa vizinha mais chegada. Com ella partimos em todas ou na maior parte das leiras do nosso resumido patrimonio.

Depois, pensando maduramente na caminhada historica, que vimos trilhando desde 1640, mais fundo em nós se deve arreigar o sentimento de perdão pelas angustias que soffremos, nos 60 annos do captivo lendario.

Lendario, sim. Pode a nobreza heraldica d'este malfadado paiz lembrar-nos os soffrimentos que supportaram os seus avós, quando para Flandres, deffender a bandeira do Demonio do Meiodia.

Mas a verdade é que essa nobreza piegas, que hoje, pela bócca dos trombones oxidados, celebra o 1.º de dezembro, não o faz como sentimento nacionalista e altruista. Fal-o porque commemora uma data de familia, um acontecimento que a libertou do jugo d'um superior!

Porque a nobreza de Portugal, dos tempos da dominação dos Filippes, não olhava o jugo hespanhol como uma servidão da Patria. Olhava-a simplesmente como um jugo seu proprio.

Egoismo, e nada mais.

E a prova é que, quando o couteiro Sezinarlo Rodrigues, homem do povo, plebeu da infima classe, levantou, em Evora, em 1637, o grito da independencia, os nobres «apaziguaram o motim», e pediram a D. Filippe que «perdoasse a offensa recebida»!

Desculpam-se todos, como uns cobarles e como uns sevandijas, com receio de que o monarcha hespanhol os incommodasse nos seus orios e nas suas mollezas de fidalguia lamacenta, a caça, o jogo e as mulheres.

O proprio D. João IV, esse historico restaurador, tanto se fiava da heroicidade dos fidalgos e da sua propria, que ainda depois do grito revolucionario de 1640, e depois de todas ou quasi todas as cidades do reino terem adherido ao movimento,—mandou emissarios a D. Filippe dizer-lhe que não era culpado da restauração: que tinha sido obrigado a aceitar a coroa; mas que, no entanto, o considerasse amigo e subdito seu!

Nada se deve, portanto, á nobreza heraldica, pela restauração do reino. Só um ou outro fidalgo, não como ideia de casta, mas como sentimento de quem, acima de todos os interesses, ama o ideal da Patria livre, é que trabalhou. Mas trabalhou com o povo, ao lado da plebe e secundado pelo clero.

Hade lembrar sempre, a quem sabe historia e a escreve livre de preconceitos, a figura brilhante que a Companhia de Jesus representou n'esta epocha. O Padre António Vieira, o primeiro plenipotenciario portuguez de D. João IV, foi, com a Companhia de Jesus, a que pertencia, um dos mais perspicazes fautores da nossa independencia de Castella.

Mas, fizeram alguma cousa, com a restauração, o povo, o eterno soffredôr?

Absolutamente nada.

Ficamos, desde aquella epocha, inimizados encarnicadamente com Hespanha. Perdemos, na guerra da independencia, que tivemos de sustentar uma porção de annos, muitas das nossas colonias: a maior parte porque a Inglaterra nol'as extorquiu, a título da coadjuvação que nos prestou. Quer dizer: livramo-nos do dominio hespanhol, e sujeitamo-nos á escravatura de leopardo britanico. Fugimos de Syla e mettemo-nos em Carybides.

Melhoramos com a tutela?

Perdemos.

A Hespanha era nossa irmã. Fallava quasi a mesma lingua; tinha os mesmos costumes e as mesmas leis, dourava-a o mesmo sol e acariciava-a a mesma brisa cariciosa e cariciante, que percorre, em osculos melifluos, os seus montes e os nossos

A LAGRIMA

outeiros, as suas planices e as nossas veigas formosíssimas.

Tinhamos a identidade da raça e a sugestão dos corações.

Se não houvesse o 1.º de dezembro de 1640, eramos hoje uma forte e respeitabilíssima potencia. a Iberia: heroes pelas descobertas, arrojados pelas conquistas, doces pelo clima, e emprehendedores pelo meio que a todos nos cerca e nos rodeia. Fazíamos, no concerto europeu, uma figura brilhantíssima. As naus, que levaram Pedro Alvares Cabral, uniam-se, n'um abraço de luz e de amor, ás caravelas que levaram Colombo. Nas festas nacionaes, em que o genio se celebrasse, subiriam ao mesmo throno Calderon de la Barca e Luiz de Camões. Nas glorias do sentimento religioso, irmanavam-se adoravelmente Ignacio de Loyola, e Francisco Xavier.

E n'esta harmonia doce e tão suave, dulcíssima e suavíssima, seríamos hoje, indiscutivelmente, o primeiro paiz colonizador, e a primeira nação do occidente.

Ri-a de feitos illustres, nobilissima na paz octaviana que podíamos gozar.

O 1.º de dezembro passou.

Adoremos hoje a Hespanha, nossa irmã muito amiga e muito meiga.

Z. SARAMAGO (SILVA ESTEVES)

GALERIA DE HOMENS ILLUSTRES DE BARCELLOS

XV

JOÃO EVANGELISTA CAMPOS DE LIMA

Ao contrario do pintor Pietro di Cortóna que na infancia tinha grande fama de estupidez, que todos o chamavam Cabeça d'asno; e de Tomaseo Gaid que na mesma epocha da sua vida era geralmente conhecido pela aleluia de Thomaz o bronco—o que não os impediu de se guindarem ás mais altas ominencias—Campos de Lima revelou-nos logo na idade de 12 annos o seu talento: ainda mais cêdo do que Victor Hugo, porque este só lhê foi conhecida a sua genial inspiração, aos 16 annos, quando escreveu o Bug-Jargal, e o nosso immortal Castilho, que aos 16 escreveu versos tão bellos como os do genial poeta francez.

Alcembert, foi encontrado em uma noite d'inverno no adro da igreja de S. João, em Paris, e o nosso biographado n'uma cestinha no rio Cavado, assim como Moysés no caudal do Nilo.

Criado por uma pobre familia do nosso concelho, que o encontrara, foi crescendo, crescen-

do, até que attingiu 8 annos. Gente sem meios não pôde pôl-o nos estudos. No entanto uma visita da casa achára-o tão gracioso e afieiro—pouco-lhe tanto que promptificou-se a ministrar-lhe as primeiras letras. Estudava as lições á luz da iluminação publica. O papa pio Sixto tambem aprendeu da mesma forma.

Parte dos grandes homens, que quasi todos sahiram das cunadas sociaes mais humildes, tiveram, depois de mil contrariedades e mil desgostos, um braço amigo e quasi providencial que os protegesse. Assim succedeu a Lima:—um homem abastado de Barcellos que tivera conhecimento da sua intelligencia precoce e muito promettedôra e das circumstancias monetarias de seus paes adoptivos, offereceu-se-lhes para, por sua conta, o mandar estudar.

Os resultados foram surprehendentes! No primeiro anno de estudo fez exames de instrução primaria e francez!

Mas, coisa engraçada: conforme o seu talento avolumava o seu corpo parece que diminuia... Tendo 10 annos e parecia menino de leite... Diz um escriptor co ntemporaneo: era tão gracioso e tão boncoo que fazia lembrar os boncecos do borrachá do Pim-Pan-Pum.

Segundo a observancia rigorosa de muitos biographos distinctos, todos aquelles que têm faísca, phosphoro incendiante no cerebro,—a divina scintilla que Deus concede a alguns mortaes que se agigantam no meio da humanidade, Efflores de talento,—todos têm o seu bocado comico na sua vida.

O protector abandonou-o. A necessidade obrigou-o a procurar trabalho. Foi paragonadernador porque n'esta arte encontraria, nos livros, nas horas vagas, pasto abundante para o seu espirito. Criava-se a si proprio, dizia elle. Hugh Miller, o geologo, tambem aprendera á sua custa na pedreira de Cromarty.

•E' só pelo livre exercicio de suas facultades, diz um moralista, que o homem pôde adquirir o saber e a experiência, de cuja mão provém a sabedoria.

Tudo corria nos primeiros tempos ao seu prizer:—lia muito, tanto que chegava a passar noites inteiras no estudo. Aproveitava todos os momentos vagos. Tomava nota de tudo que achasse aproveitavel, como ea costumo fazer,—ao menos para me parecer com elle n'alguma coisa.

Viera-lhe um dia á mão um livro do grande philosopho Augusto Comte. Devorou-o, não o leu. As doutrinas do grande pensador cahiram-lhe no agrado. Achava-as magnificas. Foi isso para elle uma infelicidade, porque perdia horas e horas agarrado ao seu evangelho e não fazia nada. O patrão desanimára. Via o rapaz perdido, secco como palha, não olhando para os

seus conselhos que eram d'um bom fundo moral. Vendo que não fazia nada com palavras, despediu-o.

Aqui foi que principiou a conhecer o amargo da vida.

Lançou-se de joelhos aos pés do seu antigo protector pedindo-lhe que o ajudasse. Conseguiu os seus fins: ir estudar para o Lyceu de Braga.

Ahi ganhou o glorioso nome que tem. As suas doutrinas eram as do seu professor. Estava com o seu homem. Mas com seus condiscipulos não succedia o mesmo: eram contrarios ás suas ideias, ideias que desafiavam tambem com as dos braconeros, que são ferrenhos apostolicos romanos.

Escreveu um artigo sobre Comte, hostilizando os christãos.

Poi perseguido, embora dissesse: «Vou pelo lado que parece conforme com as doutrinas contennas. A ideia é livre».

Newton que Bishop Burnet dizia ser a alma mais candida que jamais conheçera, foi accusado de destronisar a divindade com a sua sublime descoberta da lei da gravitação, accusação que tambem se fez a Franklin por explicar a natureza do raio.

«Spinoza, diz Sniles, foi excommungado por causa das suas ideias».

Perseguido tenazmente na Brachara Augusta, teve de se retirar. «O tempo dos martyros da sciencia, diz'a elle, já acabou». Escreveu por essa occasião, meia dazia de linhas n'um dos jornaes d'aquella cidade, tão cheias de sentimento e de vida, que deixaram bastante tempo enleados os espiritos de funda comprehensão —aquilo era um anathema aos seus perseguidores, bem vibratil e muito profundo: um assombro! Agora acha-se n'esta villa, na sua terra.

«Ditosa patria que tal filho teve».

Vive da penna, escrevendo n'um dos cartorios d'esta villa e para varios jornaes de provincia, entre os quaes citamos a «Verdade», de Thomaz».

Os seus escriptos versam quasi sempre na sua dou rina. Tambem dedica as suas horas vagas com o sr. Caturra Junior, a dar lições de portuguez. É um parista de nossa lingua. Segue bem as pisadas de A. Herculanó, para assim fazer sobreviver a lingua portugueza do naufragio em que se abysina.

Ja ha muito que a «Lagrima» devia ter feito esta biographia. Embora que tarde, desculpe-nos a. ex.^a e ella vae ferir a sua excessiva modestia. Mas como somos d'uma justiceira amabilidade com aquelles espiritos ceitos onde faisca o talento e o genio; e, como o illustre biographado, na superioridade da intelligencia só pôde comparar-se com o nosso não menos illustre poeta

Z: das Angustias, aqui lhe deixamos, como a elle fizemos, o preito da nossa mais distincta, incommensuravel, interminavel, perpetua, longa, infinda e infinita homenagem de admiração.

ZETIL

Em Barcellinhos, alli perto de S. Braz, que é o advogado das doenças da garganta, ha uma nascente magnifica de aguas ferreas.

Nascente maravilhosa, que muitos attribuem ao proprio S. Braz, escamado com a sinagoga da sua freguezia, que andou a prometter-lhe uma confraria rica e espaventosa, com ópas de seda vermelha e duas festas cada anno, e que, afinal, se esqueceu d'elle, não se sabendo para onde foi o rio dinheirinho dos irmãos!

Mas, vamos á Empreza.

O sr. José Carvalho e mais o srs. Thomaz d'Alquino e mais o sr. Joaquim Pereira constituiram-se em sociedade secreta para explorar as aguas ferreas.

São tres pessoas distinctas, e só um interesse ventadeiro.

Primeiro, mandaram dous engenheiros examinar a nascente.



O sr. José Carvalho provou, já se sabe. Mas fez-lhe uma cara...

—Sim, diz o Thomaz, gostavas mais de vinho... Mas o que é inegavel é que esta agua faz muito melhor que todos os vinhos da Vinicola e do que o licor dos Benedictinos.

—Protesto, diz do lado um curioso. Acima do vinho do Torres só conhaço os botinhos da Petrechas! Mais pectoraes do que a farinha do Pedro Franco.

—Senhores, diz o Joaquim Pereira: a questão é muito seria. Nós, ou é que havemos de explorar isto bem, ou então é melhor mettermo-nos em casa. A primeira couza que devemos fazer é construir aqui dous chalets para pessoas que soffrem do peito, e estabelecer entre elles uma caleira ou tubo aspirante, para os doentes que aqui se vierem

A LAGRIMA

tratar—podem tomar as nossas aguas— mesmo dentro de casa.



—Boa ideia, sim senhor. Mas ainda podemos aproveitar outra cousa.

Como hade haver muita gente pobre que se queira utilizar das aguas ferreas, e não tem dinheiro para ir habitar os nossos chalets, talvez queiram beber na propria nascente, e isto nem é benito, nem decente... Estar lá o povinho, com os beiços sujos e o nariz pingue-pingue... é cousa que não devemos admitir.

—E então que se hade fazer?

—Pois ainda te não lembraste?

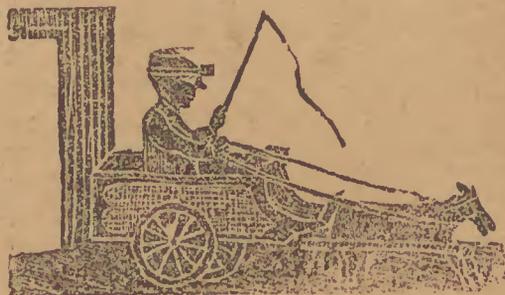
E' só arranjar uma calceira especial vinda do alto, de forma que o povinho a possa aparar de costas e em diferentes posições.



Cousa de pouca despeza e uma grande ideia.

—Ora hólas, meus amigos. A primeira necessidade que ha é estabelecermos uma carreira de carros. Se o Gandarinha não andasse emprestado lá por essas terras de Christo, era o homem que nos servia. Podiamos dar-lhe sociedade. Assim, temos de montar carro e carroira; arranjar burros valentes, para conduzirmos ás aguas milagrosas os infinitos anémicos que as hão de procurar.

—Senhores, diz o sr. Sardinha Reis: quanto a carros e carriolas, calhambèques e carrelas, tudo é facil arranjar-se, porque em Barcellos a alquilaria está mais adiantada do que na Porealhota. Isto de carros em Barcellos é uma perfeição. Faz lembrar Paio Pires e Villar do Monte.



A cousa mais seria para a nossa empreza é a montagem d'uma Assembleia, com theatrinho volante, onde amadores e poetas d'agua doce possam, á noite, expandir as azas dos seus corações enfermos com as illustres e illustrissimas damas do seu ideal...

—O Ideal! Oh! o Ideal, diz o sr. Arnaldo Braz, é e deve ser esse. O nosso Ideal... Uma walsa, uma polka, duas corridas ao pianno...

Fundou-se a empreza.

Ha oitenta doentes a tomar as aguas. Setenta e cinco, depois de quatro litros que metteram dosimetricamente no bucho, já estão mais fortes e mais valentes do que o Oliveira da Calçada.

Tamanha e tanta fama crearam em tão pouco tempo, que são mais procuradas do que as pastilhas das bichas e do que os rebugados milagrosos.

A Empreza tem ganhado mundos e fundos.

Os directores já teem, á ordem, no Banco de Londres, quatro centos contos e meio cada um.

Até a propria Fazenda, com esperanza de pagar a divida publica, já pensa em botar-lhe o gatazio, expropriando a nascente por conta do Estado.

Felises e felisões os nossos amigos.

Ganharão a sua independencia, e serão, no futuro, olhados e admirados como uns benemeritos.

Gloria á Empreza.

Hurrah pelas aguas ferreas!

Quem quizer ir ao theatro
ver um drama patriotico,
e accender no peito a chamma
d'enthusiasmo avortico;

tracte d'arranjar bilhete
no Oliveira da Calçada.
Porque é tanta a freguezia...
O' Romão, da cá a oscada

A LAGRIMA

RESPONSAVEL—João Gonçalves da Silva